

A CONVERGÊNCIA DO CONTROLE: UMA ANÁLISE DA CRÍTICA AO PODER EM FRANZ KAFKA E GEORGE ORWELL



THE CONVERGENCE OF CONTROL: AN ANALYSIS OF THE CRITIQUE OF POWER IN FRANZ KAFKA AND GEORGE ORWELL

VIVIANI LILIAN PEREIRA DA COSTA

Graduação em Pedagogia pela Anhanguera (2010), Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Espanhola pela UNICV (2023); Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2017), Neuroeducação (2018), Alfabetização e Letramento (2018), Língua Portuguesa e Literatura (2018), Psicanálise Clínica (2024), Neuropsicanálise (2024); Professora de Ensino Infantil e Fundamental I na EMEI José Vicente da Cunha.

RESUMO

Franz Kafka e George Orwell apesar das diferenças entre épocas e estilos convergem acerca da relação quanto às estruturas de poder, e como esta impacta o indivíduo. O aspecto sinérgico dos autores denotam uma visão crítica acerca das formas de controle opressivo que acabam por descaracterizar e alienar o ser humano. , o objetivo do presente trabalho é analisar como se dão as articulações reflexivas sobre as estruturas de poder sinergicamente entre Kafka e Orwell. Este estudo é uma revisão bibliográfica. Ambos os autores alertam, em seu aspecto reflexivo, que as sociedades modernas são marcadas pelo avanço tecnológico, quanto ao aprimoramento de sistemas políticos no que tange o controle. O aspecto reflexivo serve como elemento educativo quanto a emancipação intelectual e social, além de transformador da realidade.

Palavras-chave: Kafka; Orwell; Existencialismo; Distopia; Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT

Franz Kafka and George Orwell, despite the differences between eras and styles, converge on the relationship between power structures and how they impact on the individual. The synergistic aspect

of the authors denotes a critical view of the forms of oppressive control that end up mischaracterizing and alienating the human being. The aim of this paper is to analyze how Kafka and Orwell synergistically articulate their reflections on power structures. This study is a bibliographical review. Both authors warn, in their reflective aspect, that modern societies are marked by technological advances, in terms of the improvement of political systems in terms of control. The reflective aspect serves as an educational element in terms of intellectual and social emancipation, as well as transforming reality.

Keywords: Kafka; Orwell; Existentialism; Dystopia; Human Development.

INTRODUÇÃO

Franz Kafka e George Orwell apesar das diferenças entre épocas e estilos convergem acerca da relação quanto às estruturas de poder, e como esta impacta o indivíduo. O aspecto sinérgico dos autores denotam uma visão crítica acerca das formas de controle opressivo que acabam por descaracterizar e alienar o ser humano.

Por um lado Kafka apresenta em suas obras opressões impessoais e absurdos decorrente de aspectos burocráticos (KAFKA, 2004, p.89). Já Orwell alerta os perigos decorrentes do autoritarismo e ideologia subversiva (ORWELL, 2009, p.44).

Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é analisar como se dão as articulações reflexivas sobre as estruturas de poder sinérgicamente entre Kafka e Orwell. Este estudo é uma revisão bibliográfica.

DESENVOLVIMENTO

RENDIÇÃO AO ABSURDO DE FRANZ KAFKA

A principal proposta do existencialismo é de que a angústia forma as bases do sentimento humano e do pensamento. Essa condição tem início quando reconhecemos o absurdo e falta de sentido da nossa existência. As raízes do existencialismo estão na filosofia da Europa setentrional do século XIX, com termos essenciais como “angst”, ou angústia, cunhado por Kierkegaard, pensador dinamarquês cujo trabalho influenciou Kafka (BRITO, 2006).

Confusão e ansiedade são representadas por uma metáfora extrema na perturbadora história A Metamorfose e encenadas por suas personagens, desprovidas de compaixão. Embora haja um desconforto claramente literal associado ao fato de Gregor Samsa ter acordado certa manhã com um inseto pernicioso e repugnante, no centro da trágica novela de Kafka está a reação de sua família e de conhecidos em relação à sua absurda aprovação, em contraste com as imposições do aspecto físico alterado (SOUZA, 2005).

"Quando Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama transformado em um monstro insecto." (KAFKA, 2002, p. 35).

Gregor é declarado irremediavelmente inválido e não pode mais trabalhar como vendedor e sustentar sua vulnerável família. Em vez de lhe oferecer compaixão, esta fica imensamente desconcertada e enojada. Assim, como inseto, Gregor é tratado como abjeto e grotesco. Kafka expõe de forma primorosa as reações cruéis e desumanas do chamado mundo civilizado e racional que representam. Nas palavras do filósofo e escritor existencialista Jean-Paul Sartre, na peça Entre quatro paredes, "o inferno são os outros". Sua máxima reproduz perfeitamente a descrição absurda de Kafka sobre uma família em crise (AVELAR, 2018).

"A princípio, ele pensou que as pernas se moviam de forma completamente desordenada, mas logo viu que era a cabeça que estava ocupada com movimentos estranhos." (KAFKA, 2002, p. 42).

A Gregor resta somente correr pelo teto e pelas paredes de seu quarto no apartamento da família, ou esconder-se debaixo do sofá, para passar o tempo. Apesar de desistir definitivamente de qualquer tentativa para conquistar a dignidade e de se recusar a pedir ajuda à família ou a afirmar sua humanidade interior, ele se emociona brevemente ao escutar a irmã tocando violino e sente-se seduzido a deixar o quarto para ouvi-la (SOUZA, 2005).

"A transformação de Gregor é apenas o começo do processo de desintegração de seu mundo familiar." (KAFKA, 2002, p. 44).

Nessa passagem, Gregor refuta por instantes sua bestialidade exterior e tenta afirmar seu autêntico eu, porém essa se torna mais uma oportunidade para a família maltratá-lo e ofendê-lo, sendo a plateia hostil contribuindo para exacerbar seu sentimento de vergonha e alienação. Os heróis

da Kafka normalmente não superam a angústia. Em vez disso, buscam continuamente soluções empíricas para quebra-cabeças bizarros, com frequência, em condições extraordinárias. Suas obras mais longas, como *O Processo* e *O Castelo*, descrevem buscas não resolvidas definidas pelo paradoxo e pela instabilidade de significado e da interpretação. *A Metamorfose*, apesar de ilógica e aterradora, desvia-se desse padrão (sob um viés existencial), porque até mesmo a pulsão para solucionar o quebra-cabeça e cessar a busca é abandonada. Gregor experimenta um tipo de revelação por meio da rendição no desfecho da novela (BRITO, 2006).

É interessante notar que Kafka não se declarou ele próprio um existencialista, embora reconhecesse em si as influências de Kierkegaard e Dostoiévski, duas figuras-chave do existencialismo. Foram Sartre e Camus que incluíram Kafka no movimento após sua morte.

DISTOPIA E GEOGE ORWELL

A literatura distópica é um gênero que trata de certa visão aterrorizante de uma sociedade que se constitui no oposto completo da utopia (um mundo ideal e perfeito). Desde o aparecimento da Utopia, de Thomas Morus, em 1516, as distopias vêm sendo invocadas ao longo dos séculos por diversos autores para focalizar temas como as ditaduras (comunistas ou fascistas), a pobreza, a tortura, a opressão dos povos e o controle da mente das pessoas (CARPEAUX, 1946).

Os autores usam esses mundos distópicos para explorar as preocupações essenciais dos seres humanos, criando visões de possíveis consequências quando as coisas acontecem sem restrições. O conto da aia (1985), de Margaret Atwood, por exemplo, antevê um mundo governado por um regime militar em que as mulheres foram destituídas de seus direitos e são apreciadas apenas pelo seu valor reprodutivo (LAJOLO, 1993).

As distopias se voltam basicamente para futuros fictícios e, frequentemente, para o medo do que pode surgir a partir das novas mudanças sociais. No século XX, por exemplo, a ameaça imposta pela força destrutiva da bomba atômica e o cenário das dramáticas alterações climáticas forneceram fontes poderosas para distopias. A distopia moderna mais conhecida é *1984*, de George Orwell. O temor desse autor ante a emergência do stalinismo é o ponto de partida do romance. Embora Orwell acreditasse no socialismo democrático, ele não via a emergente União Soviética, onde um partido político havia consolidado um controle absoluto, como socialista de nenhuma maneira. Além disso, ele havia testemunhado o esfacelamento das forças contrárias a Franco na Guerra Civil Espanhola, em 1936, quando comunistas pró Stalin se voltaram contra aqueles que, supostamente, eram seus aliados (AVELAR, 2018).

Orwell já havia pintado um quadro sombrio dessa traição e, sua novela *A Revolução dos Bichos* (1945). Ele também já contava com um modelo parecido para seu novo trabalho, o mundo descrito

pelo escritor russo Yevgeny Zamyatin em *Nós* (1924), no qual a liberdade individual não mais existia. O livro 1984 retrata uma sociedade totalitária que manipula seus cidadãos por meio da propaganda, transformando verdades em mentiras em nome da manutenção do poder político. Essa sociedade distópica é muito mais sombria, pois prescinde da esperança presente nas transformações prometidas em *A Revolução dos Bichos*, além de ser uma sociedade em que as vidas individuais se tornaram meras peças de uma engrenagem sistêmica (LAJOLO, 1993).

As primeiras palavras de 1984, “Era um dia frio e luminoso de abril, e os relógios davam 13 horas”, alertam o leitor para o fato de que mesmo a própria natureza da construção temporal de um dia foi alterada. Winston Smith, protagonista do romance, está entrando em seu prédio de apartamentos. É um cidadão de Londres, capital da Pista de Pouso Um (anteriormente conhecida como Grã-Bretanha), uma província da Oceania, um dos três Estados transcontinentais que restaram depois de uma guerra nuclear mundial. Cartazes enchem as paredes com a imagem de um rosto, “um homem de uns 45 anos, de bigodão preto e feições rudemente agradáveis”, e “O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ”, dizia o letreiro. O Grande Irmão é o líder do partido que governa a Oceania (SCHWARZ, 1992).

"Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado." (ORWELL, 1984, p. 17).

O mundo habitado por Smith é governado por uma elite. As massas (“as proles”), que constituem 85% da população, são controladas por quatro ministérios paradoxais, o Ministério do Amor, que trabalha com o policiamento. O Ministério da Fartura, que controla a economia, incluindo o abastecimento da população. E o Ministério da Verdade, que lida com notícias e educação das massas, veiculando propagandas para controlar os pensamentos das pessoas. Um dos principais canais de controle é a Novafala, linguagem do Ministério da Verdade, que dita a verdade sobre o passado e o presente. A história é revisada e reescrita para se adequar aos decretos constantemente alterados pelo Estado. O próprio Winston Smith trabalha para o Ministério da Verdade, editando registros históricos e incinerando documentações originais, que são enviadas para o “buraco da memória”. Assim, a história para, “Nada existe além de um presente interminável no qual o Partido sempre tem razão” (SCHWARZ, 1992).

"O Ministério da Verdade tem como missão alterar constantemente a história e criar uma realidade conveniente para o Partido." (ORWELL, 1984, p. 23).

Uma rede de telas de televisão, câmeras e microfones embutidos está em operação para espionar e bisbilhotar a população, com equipamentos administrados pela Polícia das Ideias, que supervisiona a proteção do partido. Orwell mergulha o leitor nesse horrendo mundo totalitário antes de revelar que Winston Smith está engajado numa ação mortal de rebelião. Em seu minúsculo apartamento, dominado pelos instrumentos de controle do partido (a tela de TV), Smith está começando a escrever sua própria história num diário que obteve de segunda mão, um crime de autoexpressão. Ele sabe que se trata de um ato irreversível e, acima de tudo, que “era um fantasma solitário afirmando uma verdade de que ninguém jamais ouviria falar”. Mesmo assim, continua a escrever (CANDIDO, 2000).

"Liberdade é a liberdade de dizer que dois e dois são quatro. Se isso for concedido, todo o resto segue." (ORWELL, 1984, p. 36).

Winston Smith é um homem comum, herói do romance. Seu sobrenome ordinário sugere que não há nada especial ou incomum a respeito de si. Isso torna seu ato de subversão tão revolucionário. E se cada Smith ou Jones se rebelasse contra a sociedade, estaria aberto o caminho para a revolução. O uso de um nome inglês tão comum ecoa na própria escolha que Eric Blair fez do pseudônimo “George Orwell”, adotado por ele pouco antes da publicação de seu primeiro livro, *Na pior em Paris e Londres* (1933), a fim de evitar constrangimentos para sua família (LIMA, 1984). Interessantemente, em sua obra, Orwell (1984) destaca,

"Ninguém sabe que está sendo vigiado, e ninguém sabe quando vai ser punido, o que torna a revolta um movimento infrutífero." (ORWELL, 1984, p. 33).

A caracterização de Smith como um rebelde, aquele que tem sua própria atitude em prol da verdade contra a máquina do partido, cria um campeão improvável. Em Julia, ele encontra uma amante e camarada dissidente. Mais jovem que Smith, ela é uma aparente ativista política aos olhos da Liga Juvenil Antissexo, mas passa a Smith um bilhete com a mensagem simples, “Eu te amo”. O romance entre os dois é, em si, um ato de rebelião, um crime sexual. Seu amor escondido não poderá durar muito tempo, oculto sob a fachada da obediência ao Grande Irmão e às regras da Oceania. O inimigo reconhecido do Estado é Emmanuel Goldstein, ex-líder do partido, agora à frente de um movimento de resistência conhecido como Confraria. Goldstein é uma figura desprezada (como León Trótski para a União Soviética de Stalin), usada para unir o senso de cidadania da Oceania por meio

de um ritual diário de Dois Minutos de Ódio, em que a imagem de Goldstein deve ser atacada enquanto está exposta nas telas de TV (CANDIDO, 2000).

Numa livraria onde se comercializavam livros usados, Smith abre um texto “sem nome ou título na capa”. O livro é Teoria e Prática do Coletivismo Oligárquico, de Emmanuel Goldstein. Orwell insere páginas inteiras de livro em 1984 para aproximar o leitor do rebelde-protagonista e revelar as teorias sociais e as filosofias políticas que vêm ao encontro do tempo presente. Esse livro dentro de outro serve, assim, como dispositivo para compor parte do pano de fundo, explicando como se estabeleceu a Oceania e outros Superestados, Eurásia e Lestásia, conforme a reorganização global que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, e para expor a verdade de que cada Superestado possui uma construção ideológica similar, baseada na manutenção da conformidade de suas populações (LIMA, 1984).

A capacidade de persuasão das passagens do livro de Goldstein revela o poder de sedução das palavras e da linguagem. Um dos maiores legados de 1984 é a plethora de palavras e frases da Novafala que invade o inglês, sendo Grande Irmão, sexocrime, pensamento-crime e Quarto 101 são apenas algumas das criações linguísticas mais comuns encontradas na obra de Orwell.

As formas por meio das quais o Estado consegue manipular e controlar seus cidadãos são temas centrais de 1984. Num sistema totalitário, as escolhas e os estilos de vida individuais se tornam alvos dos ditames de um governo controlador (LAJOLO, 1993).

"O partido dizia: 'A ignorância é força'. O slogan do Partido era: 'A guerra é paz'. O slogan do Partido era: 'A liberdade é escravidão'. O slogan do Partido era: 'A ignorância é força'." (ORWELL, 1984, p. 56).

A organização ditatorial da Oceania mostra estar determinada a manter seu pulso forte sobre o poder por meio do enfraquecimento das relações pessoais e da erradicação da confiança e do sentido de cooperação mútua. Orwell traça métodos de coação psicológicos e físicos usados pelo governo, ocultos ou explícitos, e a tentativa de aniquilar os sentimentos humanos e fragmentar o espírito das pessoas. Como ressalta Júlia, “Todo mundo sempre confessa. Não tem como evitar”. A experiência de Winston Smith revela como o aparelho de Estado age sobre o único indivíduo, fazendo com que o leitor não apenas sinta sua dor, mas também seu desejo ardente de lutar contra a máquina estatal a qualquer custo (SCHWARZ, 1992).

A crítica inicial de 1984 foi extremamente positiva em relação à originalidade de sua sinistra profecia. Desde então, o texto alcançou abrangência global, sendo traduzido para cerca de 65 idiomas. Ganhou novos públicos em sua versão cinematográfica dirigida por Michael Radford, lançada em 1984, com John Hurt interpretando Winston Smith. A questão central da distopia mostrada

em 1984 está no risco de se permitir o excesso d controle àqueles que nos governam. Numa era moderna globalizada, com vigilância massiva, o legado de Orwell repercute mais do que nunca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores, Kafka e Orwell, apresentam narrativas distintas, mas convergem quanto a abordagem de temas universais, como as relações e abuso de poder, e os estigmas tanto do indivíduo, quanto da sociedade. Kafka aborda as questões relativas à alienação e absurdo das instituições. Orwell mostra o controle autoritário e ideológico, e também os impactos causados na vida do indivíduo, com recorrência de cerceamentos quanto à liberdade, nos mais diversos sentidos. Ambos os autores alertam, em seu aspecto reflexivo, que as sociedades modernas são marcadas pelo avanço tecnológico, quanto ao aprimoramento de sistemas políticos no que tange o controle. O aspecto reflexivo serve como elemento educativo quanto a emancipação intelectual e social, além de transformador da realidade.

REFERÊNCIAS

AVELAR, I. *Figuras da violência: ensaios sobre ética, política e estética*. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

BRITO, E. M. *Kafka no Brasil: recepção e traduções*. Tese (Doutorado em Literatura Alemã) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARPEAUX, O. M. *Ensaio Reunidos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

KAFKA, F. *A Metamorfose*. Tradução de Clarice Lispector. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LAJOLO, M. ***Do mundo da leitura para o mundo do leitor***. São Paulo: Ática, 1993.

LIMA, L. C. ***Controle do imaginário e a afirmação do romance***. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

ORWELL, G. **1984**. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

SCHWARZ, R. ***Ao vencedor as batatas***. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

SOUSA, C. H. M. R.; BRITO, E. M.; SANTOS, M. C. R. ***A recepção da obra de Franz Kafka no Brasil***. Pandaemonium Germanicum, São Paulo, n. 9, p. 227-253, 2005.